



ESCOLA DOM BOSCO (1962-1980): vestígios do ensino de matemática na primeira escola formal de Ji-Paraná/RO

DOM BOSCO SCHOOL (1962-1980): traces of mathematics teaching in the first formal school of Ji-Paraná/RO

Francieli da Silva Ribeiro¹

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4703-7391>

Marlos Gomes de Albuquerque²

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5289-0741>

Submetido: 31 de agosto de 2023

Aprovado: 06 de outubro de 2023

RESUMO

Este texto é decorrente de uma pesquisa de mestrado em andamento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), *campus* Ji-Paraná. Tem por objetivo construir uma história da primeira escola formal do município de Ji-Paraná/RO, a Escola Dom Bosco, com um olhar voltado ao ensino de matemática, durante seu período de criação e funcionamento, de 1962 a 1980 (18 anos). Trata-se de uma pesquisa histórica com abordagem metodológica da História Oral, que buscou responder a seguinte questão: de que maneira se constituiu a trajetória da Escola Dom Bosco, com um olhar voltado ao ensino de matemática? Os resultados parciais apontam que essa iniciativa de ensino se deu sob a influência da Igreja Católica, com a colaboração de ex-alunos, ex-professores, ex-funcionários e toda comunidade local. O ensino de matemática fez-se de maneira interativa e com o uso de materiais concretos, que pertenciam ao contexto social e familiar.

Palavras-chave: Escola Dom Bosco; História da Educação Matemática; Ji-Paraná/RO.

ABSTRACT/ RESUMEN/ RÉSUMÉ

This text is the result of an ongoing master's research linked to the Graduate Program in Mathematics Education (PPGEM), at the Federal University of Rondônia (UNIR), Ji-Paraná campus. It aims to build a history of the first formal school in the municipality of Ji-Paraná/RO, Escola Dom Bosco, with a focus on teaching mathematics, during its period of creation and operation, from 1962 to 1980 (18 years). This is historical research with a methodological approach to Oral History, which sought to answer the following question: how was the trajectory of the first formal school in the municipality of Ji-Paraná/RO, the Dom Bosco School, constituted, with a focus on to teaching math? Partial results indicate that this teaching initiative took place under the influence of the Catholic Church, with the collaboration of former students, former teachers, former employees, and the entire local community. Mathematics teaching was done interactively and with the use of concrete materials, which belonged to the social and family context.

Keywords: Dom Bosco School; History of Mathematics Education; Ji-Paraná/RO.

¹ Mestranda em Educação Matemática pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Ji-Paraná, Rondônia. Endereço para correspondência: Rua Santa Izabel, 445, Jardim dos Migrantes, Ji-Paraná, Rondônia, Brasil, CEP: 76900-639. E-mail: francielliribeiro.s@gmail.com.

² Doutor em Educação em Ciências e Matemática pela Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC), Polo Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Ji-Paraná, Rondônia, Brasil. Endereço para correspondência: Rua dos Babaçus, número 49, Ji-Paraná, Rondônia, Brasil. CEP: 76900-168. E-mail: marlos@unir.br.

INTRODUÇÃO

Este texto é decorrente de uma pesquisa de mestrado em andamento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), *campus* Ji-Paraná. Tem por objetivo construir uma história da primeira escola formal do município de Ji-Paraná/RO, a Escola Dom Bosco, com um olhar voltado ao ensino de matemática, durante seu período de criação, implantação e funcionamento, de 1962 a 1980 (18 anos).

Ao longo dos últimos anos, vem crescendo o número de pesquisas em Educação Matemática (EM) que são “voltadas para compreender a Matemática em situações de ensino e aprendizagem, envolvem investigações sobre diversos temas (que muito frequentemente são chamados de “linhas de pesquisas em Educação Matemática”)” (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 19). Dentre essas “linhas”, tem-se a História da Educação Matemática (HEM) que está sendo retratada neste trabalho.

A HEM realiza um diálogo entre História, Educação e Matemática, juntamente a outras áreas de conhecimento, buscando compreender as alterações e as permanências nas práticas relativas ao ensino e à aprendizagem de Matemática (GARNICA; SOUZA, 2012).

Deste modo, as pesquisas em HEM têm crescido significativamente e conquistado seu espaço entre as investigações científicas de pesquisadores, docentes e acadêmicos, principalmente nas Universidades dentro dos Grupos de Estudos e Pesquisas.

Minha relação com essa linha de pesquisa começou durante a formação inicial de licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), *campus* Ji-Paraná, quando tive a oportunidade de desenvolver uma investigação dentro da HEM como voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), durante o ciclo 2018/2019, no projeto de pesquisa integrante do Grupo Rondoniense de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GROPEM). Na ocasião, produzi meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) também na temática da HEM, o que me motivou a compreender os aspectos historiográficos relacionados ao campo da Matemática.

A relevância em desenvolver essa pesquisa, além de contribuir para o campo da HEM, está na importância de construir e conhecer essa história que é um marco na Educação Básica de Ji-Paraná, bem como que se justapõe à própria história local ji-paranaense, sendo um antecedente histórico para as demais escolas que emergiram ao longo do tempo na cidade.

Outro aspecto relevante e justificável são a escassez de pesquisas que investigaram a

Escola Dom Bosco e os poucos estudos históricos acerca do ensino de matemática neste município. Os exemplos de pesquisas que versaram, historicamente, sobre o ensino de matemática em outras Instituições Escolares de Ji-Paraná são os estudos de: Dias (2022), que trata de construir uma história do ensino de matemática na Escola Família Agrícola (EFA) Itapirema; Cruz (2022), que investiga os saberes matemáticos presentes na formação de professores do Curso de Magistério no Instituto Estadual de Educação Marechal Rondon (IEEMR); e, Rodrighero (2022), que propôs investigar os percursos formativos e profissionais dos monitores de matemática das Escolas Família Agrícola (EFAs) do Estado de Rondônia. Cabe destacar, ainda, que essas pesquisas com viés para a Educação Matemática são fruto do PPGEM da UNIR, *campus* Ji-Paraná.

Em virtude de a Escola Dom Bosco já ter encerrado suas atividades e da relevância de construir essa história local, alguns questionamentos foram surgindo a respeito de sua criação (implantação, estrutura, localização, administração), seus corpos docente e discente, e o ensino de matemática, o que nos levou à pergunta central: de que maneira se constituiu a trajetória da Escola Dom Bosco, com um olhar voltado ao ensino de matemática?

Sob uma abordagem metodológica da História Oral inserida no campo da HEM, para a presente construção as fontes históricas deram-se por meio de entrevistas individuais com ex-alunos e ex-professores da Escola Dom Bosco, direcionando os questionamentos para a história da escola com um viés para o ensino de matemática. Desta forma, as narrativas produzidas a partir da transcrição e textualização das entrevistas constituíram nossa principal fonte de análise juntamente a outras, tais como: documentos escritos, currículo, caderno de planejamento e fotografias. Cabe destacar que, até o momento de desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas cinco entrevistas, sendo duas com ex-alunos e três com ex-professores da Escola Dom Bosco.

OS PRIMEIROS MOVIMENTOS ESCOLARES NO TERRITÓRIO FEDERAL DO GUAPORÉ (ATUAL ESTADO DE RONDÔNIA): um olhar sobre as primeiras escolas

Os primeiros movimentos escolares no atual Estado de Rondônia ocorreram a partir dos anos de 1900 em virtude do grande fluxo de migrantes vindo dos vários estados brasileiros, principalmente da Região Nordeste para a Amazônia, atraídos pela extração da borracha e do garimpo do ouro.

Diante desse aumento da população, começa a construção das escolas. A criação e o funcionamento da primeira escola no Alto Madeira, denominada Escola Municipal de Santo Antônio, em Porto Velho (capital de Porto Velho), aconteceu em 1913, quando este município ainda pertencia ao Estado de Mato Grosso (LIMA, 1993).

Apesar da presença dos colonos luso-brasileiros desde a segunda metade do século XIX, nos Vales dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira, os primeiros dedicando-se à extração de ouro, à coleta das especiarias (drogas do sertão), à catequese, e os segundos, à extração e comercialização das gomas elásticas, principalmente a borracha (LIMA, 1993, p. 10).

É notório que havia intensas atividades econômicas na região, contudo não houve uma preocupação com a educação formal até o ano de 1913, ou seja, até surgirem as escolas formais, o ensino na Vila de Porto Velho (atual município de Porto Velho) era limitado ao âmbito familiar (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2016). Sendo assim, “para educar os filhos valia qualquer sacrifício e como não havia escolas, as aulas eram improvisadas em casa, porque sempre havia quem pagasse alguém que soubesse e pudesse transmitir algo mais” (ARCARI, 1995, p. 30).

A segunda escola foi criada em 1915, também em Porto Velho, denominada Escola Mista Municipal, sendo constituída de 40 alunos de ambos os sexos, “fato considerado uma inovação, um avanço, para os padrões éticos da época, pelos quais as escolas destinavam-se a oferecer ensino separadamente para meninos e rapazes ou para as meninas e moças” (LIMA, 1993, p. 11). Arcari (1995) descreve como era a estrutura física desta escola:

era de madeira, coberta de palha, como as outras construções urbanas. Instalada em 28 de julho daquele mesmo ano, com 40 alunos, a escola esteve sob a orientação de Tevelina Guapindaia, filha do primeiro Superintendente Municipal, Major Fernando Guapindaia de Souza Brejense, e se destinava às crianças pobres. Por falta de pessoal qualificado para o magistério, o Juiz de Direito da Comarca ajudava no possível, orientando e dando um pouco de informação aqueles que se dispunham ao ensino (ARCARI, 1995, p. 31).

Em virtude do contexto social, o início de funcionamento da escola é marcado por simplicidade e por professores leigos exercendo o magistério. Entretanto, esse fato já indicava um grande avanço para a educação, ao serem disponibilizadas vagas para crianças de ambos os sexos.

A partir de 1921, foram sendo construídos estabelecimentos particulares de ensino e instituídas as aulas noturnas para adultos, momento em que se percebem os primeiros indícios da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Destarte que não existia educação escolarizada ao longo do rio Guaporé³, “porque o governo do Estado do Mato Grosso, de quem dependia aquele vale, não tinha interesse em direção ao norte e sim em direção ao sul” (ARCARI, 1995, p. 33). Assim, a Vila Guajará-Mirim só teve sua primeira escola em 1924, a Escola particular Cesário Correia, destinada a adultos. Mais tarde, em 1928, o Governo criou a primeira Escola Municipal de Guajará-Mirim, voltada ao sexo feminino (ARCARI, 1995).

Entre as décadas de 1920 e 1940, foram abertas, aproximadamente, 14 instituições escolares, tanto públicas quanto privadas. Em decorrência da expansão e organização social que ocorria em Porto Velho e arredores, o Governo Federal criou, em 1943, o Território Federal do Guaporé, com uma extensão territorial de 237.765,347 km² (IBGE, 2020). Assim, com a expansão das escolas houve a predominância de professores leigos atuando no ensino primário (PEDROSO, 2022).

Em 1947, o Governo do Território, visando suprir o sistema educacional com professores habilitados, criou, através do Decreto nº 47, de 19 de dezembro de 1947, a Escola Normal “Carmela Dutra”, mantendo o curso normal regional, equivalente ao curso ginásial, com duração de quatro anos. Esta instituição funcionava em regime de externato e internato, este último destinado às alunas oriundas do interior do Território (LIMA, 1993).

Esse movimento de preparação para jovens exercerem o ofício docente continuou, em 1950, na Escola Maria Auxiliadora, onde “implantou-se o Curso Pedagógico de Habilitação de Professores de nível médio. O movimento de feminização do ensino que ocorria globalmente replica-se localmente” (CRUZ, 2022, p. 74).

Em virtude da valorização da produção e comercialização da borracha, sob os efeitos da Segunda Guerra Mundial, aumentou, consideravelmente, o número de migrantes vindos para este Território. Deste modo, para atender a essas famílias, foi necessária a criação de novas escolas nas vilas que estavam sendo colonizadas (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2016).

Na Vila de Rondônia (atual município de Ji-Paraná/RO), os primeiros movimentos escolares aconteceram na década de 1950 com o ensino das primeiras letras por iniciativa da comunidade local, conforme evidencia a Revista Ji-Paraná e sua História (2004):

a tarefa de ensinar as primeiras letras aos alunos ficou a cargo da dona de casa Raimunda Gadelha ou dona Nenê como era conhecida pela comunidade. Nos idos de

³ O rio Guaporé nasce na Chapada dos Parecis (MT), a 630 m de altitude e desemboca no rio Mamoré, perto de Surpresa (RO). Disponível em: <http://brasildasaguas.com.br/projetos/sete-rios-2006-2007/guapore/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

1952, ela passou a transmitir seus conhecimentos a um reduzido grupo de crianças sem remuneração pelo serviço. A professora lecionava numa sala improvisada, construída inicialmente com troncos de árvores e coberta por palhas e telhas de zinco pelo governo. Dona Nenê era casada com o guarda-fios do Departamento de Correios e Telégrafos, Antônio Gadelha, e teve que acompanhar o marido quando ele foi transferido, em 1957, para a capital do Território, deixando o distrito mais uma vez sem professora (EDUCAÇÃO, 2004, p. 18).

Então, a senhora Beatriz Ferreira da Silva, conhecida como dona Beata, amiga de dona Gadelha, assumiu a tarefa de lecionar e, em 1958, foi contratada pelo governo como a primeira professora da vila. As aulas ocorriam, inicialmente, em sua casa e depois foram transferidas para a Escola Dom Bosco, que havia sido construída pelo padre Adolfo Rohl em 1962 (EDUCAÇÃO, 2004).

Desta forma, o itinerário educacional no Estado de Rondônia foi marcado pela simplicidade das construções das primeiras escolas juntamente com a ajuda das famílias dos alunos e da própria comunidade, bem como por professores leigos, com baixa escolaridade e sem habilitação para o exercício da profissão.

A ESCOLA DOM BOSCO: da criação ao encerramento da primeira escola formal da Vila de Rondônia (atual município de Ji-Paraná)

No que diz respeito à criação e implantação da escola, Nosella e Buffa (2013) enfatizam ser importante focalizar o contexto, por meio da situação econômica e social da região, assim como as articulações políticas e justificativas apresentadas por seus propositores. Neste sentido, fatores como o crescimento populacional e o desenvolvimento da vila contribuíram, significativamente, para a expansão do ensino, visto que, nos arquivos da Paróquia São João Bosco, de Ji-Paraná/RO, há relatado em ata que o início do ano de 1963 foi marcado por um aumento da população e que o padre Adolfo Rohl⁴ já havia construído uma escolinha e sua residência, porém de madeira. Concomitantemente, ocorreu a chegada do padre Angelo Spadari para ajudar o padre Adolfo nas missões, ficando o primeiro responsável por dar aulas para as 3ª e 4ª séries, uma vez que no pequeno grupo só davam aulas até a 2ª série.

A cooperação do padre Adolfo é marcada na narrativa da entrevistada e ex-professora Merandolina de Souza Ferreira, que lecionou na Escola Dom Bosco no período de 1966 a 1971: *“o Colégio Dom Bosco foi criado e construído pelo padre Adolfo, com tudo dele, conseguia*

⁴ Uma das figuras de maior fervor religioso e de grande influência e contribuição na história recente do município, entre as muitas que se destacaram no cumprimento da fé, foi a do alemão Padre Adolpho Rohl, que chegou ao distrito no decorrer do ano de 1949 para iniciar um trabalho de evangelização junto aos moradores (EDUCAÇÃO, 2004).

verba e as coisas da Alemanha. Ele era engenheiro, se comunicava direito e vinham as coisas para Porto Velho de avião. Ai ele ia buscar e trazia nas caçambas do 5º BEC⁵” (ex-professora Merandolina de Souza Ferreira). Padre Adolfo chegou a trazer merenda escolar e roupas para distribuir às famílias carentes que moravam na beira do rio.

Faz-se relevante destacar que os padres Adolfo e Angelo eram da Congregação Salesianos de Dom Bosco, cujo fundador, Dom Bosco, dedicou-se, com todas as suas forças, às crianças e jovens, especialmente os mais carentes, ao acreditar que eles poderiam ser protagonistas de sua própria história. Além disso, compreendeu, de maneira inovadora, qual era o papel do educador (fosse ele leigo⁶ ou religioso) como colaborador fundamental nesse processo⁷, constituindo-se fatores condicionantes ao zelo e dedicação à educação na pequena Vila de Rondônia.

A ex-professora Benelinda Teles Rabelo, que lecionou no período entre 1967 e 1980, em sua narrativa traz um importante aspecto histórico acerca da construção das escolas e do envolvimento da comunidade nesse processo:

“antigamente, para a construção das escolas, eu sei que fazia era com associação dos pais. Associação que eu quero falar assim, vai fazer a escola, ai os pobres pedreiros, que tinham quatro ou cinco, marcavam assim aquela rua ali é do fulano, aquilo ali é um sítio do fulano de tal, e ali dá para nós fazermos a escola. Era assim que começavam lá as coisas. Vinham e derrubavam aquela mata tudinho daquele seu fulano que ele deu, e aí se juntava todo mundo para comprar tijolo. Tudo era em cota. Cota que a gente fala, era assim, ia juntando e comprando tudinho, para fazer. O prefeito ajudava. Só que para fazer uma escola grande vai muitas coisas” (ex-professora Benelinda Teles Rabelo).

Contudo, a construção da *“Escola Dom Bosco já foi diferente, porque foi o padre Adolfo que conseguiu o recurso para construir a escola. Ela foi a primeira em Ji-Paraná e por iniciativa do padre”* (ex-professora Benelinda Teles Rabelo). À Escola deu-se o nome de Dom Bosco, pois *“foi implantada por iniciativa dos Salesianos, na pessoa do padre Adolfo Rohl. Então, por ser salesiano e o patrono deles ser Dom Bosco, então o colégio e a igreja levaram esse nome”* (ex-aluno Manoel Raimundo de Oliveira), que também ficou conhecida como Grupo Escolar Dom Bosco, conforme os registros escolares localizados na Coordenadoria Regional de Educação e na Escola Rio Urupá⁸.

⁵ 5º Batalhão de Engenharia de Construção.

⁶ Neste caso, a palavra “leigo” diz respeito às pessoas que não receberam as ordens sacras.

⁷ Missão Salesiana. Disponível em: <http://www.missaosalesiana.org.br/dom-bosco-historia-e-carisma/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

⁸ Escola localizada no primeiro distrito de Ji-Paraná/RO, onde foram identificadas as Atas de Resultados Finais

A Escola Dom Bosco estava localizada no centro da Vila de Rondônia, próxima à lateral da antiga construção da Catedral São João Bosco. A ex-professora Benelinda pontuou que na *“Vila de Rondônia só tinha uma salinha onde era a Secretaria de Educação. Lá que ficava a diretora sentada e tinha a escola bem próximo. Só uma escola também, que era a Escola Dom Bosco, onde eu trabalhei”* (ex-professora Benelinda Teles Rabelo). Assim, a fala de Benelinda marca a Escola Dom Bosco como a primeira da Vila de Rondônia.

Naquela época havia uma espécie de convênio entre o Governo do Território Federal de Rondônia e a Igreja Católica, tendo por finalidade o funcionamento das aulas nas dependências da escola. Desta forma, a Igreja tinha o espaço físico e o Governo as professoras contratadas, as quais podiam atender à necessidade de oferecer o ensino básico às crianças da vila, até que se construíssem mais escolas. O ex-professor Antônio Hammes (padre Toninho), que atuou nos anos de 1978 e 1979, acrescentou que, quando a Escola Dom Bosco funcionou ali *“foi mais uma necessidade, porque como tinham muitas professoras e professores que eram ligados à comunidade católica, acabaram aceitando aquilo”* (ex-professor Antônio Hammes).

Portanto, o padre Adolfo Rohl deixou sua marca na educação local, contribuindo para o processo de institucionalização escolar na Vila de Rondônia. Então, *“podemos dizer que, de modo geral, o processo de criação de instituições coincide com o processo de institucionalização de atividades que antes eram exercidas de forma não institucionalizada, assistemática, informal, espontânea”* (SAVIANI, 2021, p. 28-29). Isso porque, os primeiros movimentos escolares e o ensino das primeiras letras na Vila de Rondônia aconteceram em espaços improvisados, por professores leigos e voluntários, e, posteriormente, por professores contratados pelo Estado e em espaços adequados, com a contribuição da Igreja Católica por meio dos padres salesianos.

É indispensável na historicidade de uma instituição escolar adentrar nos seus espaços e na vida da escola, conhecer *“o prédio e instalações, alunos, professores, administradores, saberes escolares, currículos, disciplinas, livros didáticos, métodos de ensino, normas, disciplinas, clima cultural (organização, manifestações, publicações, realizações de eventos)”* (NOSELLA; BUFFA, 2013, p. 69-70). Neste sentido, entrelaçando as narrativas, construímos uma história do cotidiano da Escola Dom Bosco desde a simplicidade local aos obstáculos enfrentados pelos ex-alunos, ex-professores, ex-funcionários e toda a comunidade envolvida.

e de Assuntos Internos referentes à Escola Dom Bosco (1962-1980).

As informações relacionadas aos alunos são de extrema relevância para a construção histórica de uma instituição escolar, pois auxiliam na definição do perfil da escola e indicam as relações sociais em que está inserida (LAZZARON, 2018). A narrativa do ex-aluno Manoel Raimundo de Oliveira, que estudou na Escola Dom Bosco entre os anos de 1969 e 1972, deixa vestígios da rotina escolar dos discentes relacionada às disciplinas principais, bem como às aulas de Educação Física, ao recreio e ao uso do uniforme:

“o nosso recreio era no intervalo. Tinha um campo grande perto da escola, era um campo de futebol. A gente aproveitava não só nos dias de aulas, mas aos domingos também. Para o recreio e para as aulas de Educação Física tinha uma certa disciplina. As aulas tinham um momento e um professor que acompanhava. Tinha uniforme para as aulas de Educação Física. O nosso recreio era aquela correria de menino mesmo, aquela coisa toda. Mas sempre éramos orientados à educação para que não nos sujássemos. Assim, para não rolar no chão e chegar sujo para retornar para sala e casa. Mas na correria do dia a dia, nada era feito. Imagina o tempo de chuva! As meninas eram mais comportadas, aquelas brincadeiras de roda e de cirandas. Mas tinha sempre a doutrina de ter cuidado para não se sujar. Éramos educados para ter responsabilidade com a composição do nosso uniforme. Nossos uniformes eram assim: as meninas era saia azul marinho e camisa branca, e meninos camisa branca, calça azul marinho e sapato. Era todo mundo igualzinho” (ex-aluno Manoel Raimundo de Oliveira).

A disciplina, portanto, fez parte da rotina escolar dos discentes, educando-os com responsabilidade. A ex-aluna Maria Nelza, que estudou na Escola Dom Bosco entre os anos 1969 e 1971, lembra que *“todo dia tinha que fazer a fila lá no pátio, de uniforme, aquelas sainhas pregadinhas azul (para baixo do joelho), a camisa branca (não era camiseta), cinto preto, meia branca até no meio da canela e o sapato preto brilhando”* (ex-aluna Maria Nelza Pereira de Souza).

No entanto, faz-se importante ressaltar que pouquíssimas foram as informações levantadas a respeito do encerramento das atividades da Escola Dom Bosco. Como a instituição foi construída pelo padre Adolfo nas dependências da igreja, *“acredito que a questão de convênios também não houve mais interesse das partes. Até que se desmanchou para construir o prédio da Diocese, a Cúria Diocesana”* (ex-professor Antônio Hammes). A trajetória histórica da Escola Dom Bosco foi marcada, desta forma, pelo envolvimento da Igreja Católica e pela luta dos ex-alunos, ex-professores, ex-funcionários, das famílias e de toda a comunidade local.

O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA DOM BOSCO

A partir deste momento, voltaremos nosso olhar para o ensino de matemática na Escola Dom Bosco, entrelaçando as narrativas dos ex-alunos e dos ex-professores, e as complementando com o Currículo Pleno do Território Federal de Rondônia e o Caderno de Plano de Aula da ex-professora Benelinda Teles Rabelo.

Evidenciamos que a Escola Dom Bosco foi edificada pelo padre Adolfo Rohl, tendo uma estrutura humilde, envolvendo a comunidade e que o corpo docente fez parte da evolução em toda a trajetória da escola. O ensino, em especial o de matemática, também aconteceu de maneira ilustrativo e dinâmica:

“quando veio giz colorido foi a maior novidade para os alunos do primeiro ano. Nossa! Eles gostavam. A gente desenhava no quadro negro as figuras para ensinar a eles. Quando tinham muita dificuldade eu levava fósforo, para contar os palitos dos fósforos. Para os meus alunos do primeiro ano, feijão, milho, dava um pouquinho para cada um contar... ‘Quantos grãos têm?’ ‘Tanto!’ Brincando assim com os grãos para eles aprenderem a contar, porque muitos não sabiam contar. Muitos tinham até defeito de dicção para falar: um, dois, três... E a gente marchava dentro da sala de primeiro ano, ficava em fila para cantar: um, dois, três... marcha, marcha, companheiro. A gente saía cantando e batendo palma, depois começava: um, dois, três... até o número dez. Ai no número dez, parava. Eles aprendiam rapidamente” (ex-professora Merandolina de Souza Ferreira).

Apesar dos poucos recursos metodológicos, a ex-professora Merandolina buscava, em sua prática docente, meios que permitissem desenvolver os conteúdos matemáticos de forma significativa para o aluno:

“a matemática eu ensinava para os meus alunos assim nas coisas real, por exemplo, uma galinha tem dois pés, um galo tem dois pés, quantos pés têm duas galinhas, duas aves? Ai falavam: ‘quatro’. Ai depois começamos a ensinar a multiplicação: ‘quatro bois, quantos pés têm?’ E desenhava os bois no quadro para contar os pés, para dizer quantos tinha. E assim a gente fazia, usando material real com a criança, que eram o que eles tinham de conhecimento. Porque a maioria tinha sítio, tinha porco, galinha, boi, vaca. Então, a gente tinha que ensinar assim, nesse meio que eles viviam, e eles aprendiam rápido” (ex-professora Merandolina de Souza Ferreira).

Nesse sentido, Mendes (2009, p. 124) enfatiza que o “professor deve procurar resgatar as relações existentes na realidade que possam criar condições alternativas, visando a compreensão e intervenção nesse contexto social onde o conhecimento é produzido”. Deste modo, Merandolina considerava o conhecimento prévio do aluno de acordo com o contexto familiar em que estava inserido para ensiná-lo a contar, bem como para realizar operações básicas de matemática.

Dos conteúdos matemáticos ensinados, os que tiveram maior recordação nas narrativas dos ex-alunos e dos ex-professores foram a tabuada e as quatro operações básicas. *“Nas aulas de matemática, além da tabuada eu me lembro das expressões (numéricas), porque como era primário não tinha conteúdo difícil”* (ex-aluna Maria Nelza Pereira de Souza). A ex-professora Merandolina ressaltava que todos deviam aprender a tabuada e, para ajudar os alunos que não conseguiam comprar a tabuada (aquelas cartilhas com a tabuada), os professores tinham que copiar no quadro ou reproduzir folhas mimeografadas para distribuir:

“para ensinar tabuada eu pegava, tirava os números que eram os resultados e os alunos faziam no papel sulfite. [...]. Então, na matemática eu ensinava também as operações: soma, subtração, divisão, multiplicação. Mas tudo era difícil! As contas eram com pedrinha. Trazia as pedrinhas para somar com os meninos. Eu perguntava: ‘quantas pedrinhas eu tenho aqui?’ Eles respondiam: ‘um!’ E assim eu ia aumentando e perguntando. Às vezes os alunos brincavam que eles já estavam me ensinando a quantidade das pedrinhas. Já estavam sabidos!” (ex-professora Benelinda Teles Rabelo).

Cabe destacar que o uso de material concreto desenvolve o raciocínio do aluno, estimulando o pensamento lógico-matemático e permitindo ao educando aprender sem pressão psicológica (SANTOS; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013). Diversos são os tipos de materiais concretos utilizados pelas ex-professoras, como palitos de fósforo, grãos de feijão e milho, e as pedrinhas. Sendo assim, essas interações entre o meio físico e o meio social ajudaram a criança a construir seu conhecimento.

ex-aluno Manoel recorda sobre a matemática: *“eu sempre observei assim na minha trajetória, sempre foi igual a dificuldade de muitas pessoas, mas a professora Benelinda ela tinha o dom de ensinar. Na época, na Escola Dom Bosco, nós trabalhávamos muito a tabuada e as quatro operações”* (ex-aluno Manoel Raimundo de Oliveira), na prática com as dinâmicas utilizadas pela ex-professora Benelinda.

“Eu me lembro da parte mais difícil da tabuada, que era a multiplicação. Então, faziam-se gincana entre os alunos, era atrativa e divertido fazer uma competição da tabuada de um grupo com o outro ali para estudar a tabuada. E é claro que tinha também uma gratificação em cima, que eram os pontos para somar na nota. Então, era atrativo por isso, virava ponto e aquela coisa toda era envolvido nessa parte das quatro operações, a tabuada mesmo” (ex-aluno Manoel Raimundo Oliveira).

Além da tabuada, os demais assuntos eram estabelecidos pelo Currículo Pleno do Território Federal de Rondônia, décadas de 1960 e 1970, o qual continha os objetivos, os

conteúdos e as sugestões de atividades na disciplina de matemática. Organizamos, no Quadro 1, os conteúdos de matemática propostos pelo currículo referentes ao Ensino Primário.

Quadro 1 - Conteúdos de matemática propostos no Currículo Pleno do Território Federal⁹
(décadas de 1960 e 1970)

SÉRIE	ASSUNTO/CONTEÚDO
1 ^a	Ideias básicas da matemática; Identificação de Conjunto; Leitura e escrita de numerais até 500; Geometria
2 ^a	Comparação de conjuntos; Número e Numeral; Fração; Medidas; Geometria
3 ^o	Leitura e escrita de números até centena de milhar; Operações fundamentais; Divisibilidade por 2, 3 e 5; Estudo completo de fração ordinária; Sistema de medidas; Sistema monetário; Geometria
4 ^a	Leitura e escrita de numerais até bilhões; Operações fundamentais; Propriedade das operações; Divisibilidade por 2, 3, 5, 9 e 10; Frações ordinárias; Estudo completo sobre os números decimais; Sistema monetário; Sistema métrico decimal; Área e Perímetro

Fonte: Elaboração pelo(s) autor(es).

Os conteúdos propostos pelo Currículo Pleno apresentados no Quadro 1 leva-nos a ponderar ideia de geometria que poderia ter no 1º ano e porque os números até 500 e nos anos seguintes não há quantidade, depois a escrita até bilhões? Qual o sentido de área e perímetro estarem fora de geometria no 4º ano?

O Caderno de Plano de Aula da ex-professora Benelinda, referente a 1ª série da Escola Dom Bosco (1962-1980), que também compõe nossa fonte histórica, permite verificar o planejamento das aulas e como elas eram organizadas para atender aos objetivos e aos conteúdos propostos pelo Currículo Pleno do Território Federal de Rondônia.

⁹ Disponível em: <http://arquivohistorico.inep.gov.br/index.php/codi-uniper-m0334p01-ensinoplenode1grau-1972>. Acesso em: 22 jul. 2022.

Figura 1 - Plano de aula de matemática



Fonte: Caderno de Planejamento da ex-professora Benelinda Teles Rabelo.

A Figura 1 é um recorte de uma aula de matemática do caderno de planejamento datado de 18 de março de 1978. O conteúdo se refere aos numerais até 20, conjuntos unitário e vazio, e correspondência entre números e numerais, contemplando o conteúdo matemático (ideias básicas da matemática e identificação de conjunto) proposto pelo Currículo Pleno do Território Federal de Rondônia para a 1ª série, conforme apresentado no Quadro 1. A ex-professora lança mão de desenhos para melhor ilustrar e atrair a atenção das crianças, o que remete à experiência narrada por ela: “se eu fosse dar uma aula que lá no livro tinha a palavra vaca e uma vaquinha pequenininha desenhada, ficávamos doidas, eu e as minhas colegas tudinho, para arrumar um desenho de uma vaquinha para gente fazer um cartazinho para poder mostrar para a criança” (ex-professora Benelinda Teles Rabelo). No caso, nessa aula não foi utilizado o desenho de uma vaca, mas, a partir do relato, podemos associar a criatividade da professora diante da necessidade de trazer outros elementos simbólicos.

Dessa maneira, o ensino de matemática deu-se de forma organizada, lúdica e com o uso de materiais concretos. Sendo assim, apesar das adversidades e dos poucos recursos, são notórios a criatividade e o cuidado das professoras ao ensinar.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A pesquisa teve como objetivo construir uma história da primeira escola institucionalizada de Ji-Paraná/RO, a Escola Dom Bosco, com um olhar voltado ao ensino de

matemática, tendo como recorte temporal o período de 1962 a 1980, tempo de funcionamento da escola nesta cidade.

Ancorados na metodologia da História Oral, produzimos as narrativas (nossa principal fonte) a partir das entrevistas realizadas, transcritas e textualizadas com ex-alunos e ex-professores da Escola Dom Bosco. Assim, a partir das entrevistas, compreendemos que, embora os recursos fossem escassos, o ensino de matemática na Escola Dom Bosco ocorreu mediante o conteúdo proposto pela Secretaria de Educação do então Território Federal de Rondônia de maneira criativa e interativa, com o uso de materiais concretos que pertenciam ao contexto social e familiar dos alunos.

A história da Escola Dom Bosco deu-se sob o empenho da Igreja Católica local – na pessoa do padre Adolfo Rohl –, do Governo do Ex-Território Federal de Rondônia, dos ex-alunos, dos ex-professores, dos ex-funcionários, das famílias e de toda a comunidade envolvida com vistas a propor um ensino da melhor qualidade possível às crianças da Vila de Rondônia (atual município de Ji-Paraná/RO). Destaca-se, também, a dedicação dos exprofessores nas aulas, principalmente na disciplina de matemática, que foi marcada pela forma lúdica de se aprender a tabuada e os demais conteúdos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. G.; FREITAS, J. L. M. Das escolas que surgem em meio a grupos familiares às escolas institucionalizadas: uma trajetória dos Primeiros Movimento Escolares em Rondônia. *In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA*, 12., 2016, Cruzeiro do Sul. *Anais [...]* Cruzeiro do Sul/AC, 2016. p. 1- 12.

ARCARI, Margarida. **Educação em Rondônia**: uma contribuição para o seu estudo. 1995. 76 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1995.

CRUZ, S. A. N. **O curso de magistério em Ji-Paraná – RO (1970-2001)**: um estudo dos saberes matemáticos presentes na formação de professores primários no Instituto Estadual de Educação Marechal Rondon: Pesquisa historiográfica. 2022. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, *campus* Ji-Paraná, Ji-Paraná, 2022.

DIAS, J. R. L. **Uma abordagem histórica do processo de ensino-aprendizagem de matemática da EFA Itapirema do Município de Ji-Paraná Rondônia (1991-2018)**. 2022. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências da Natureza) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Rolim de Moura, 2022.

EDUCAÇÃO. **Ji-Paraná e sua história**. Ji-Paraná: Certa Comunicação Editora, 2004.

GARNICA, A. V. M.; SOUZA, L. A. **Elementos de História da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica/UNESP, 2012.

LAZZARON, V. A história do Colégio do Carmo de Caxias do Sul/RS e as rotinas escolares (1908-1933). *In*: LUCHESE, T. A.; FERNANDES, C. C.; BELUSSO, G. (org.). **Instituições, Histórias e Culturas Escolares**. 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2018. p. 69- 90.

LIMA, A. M. **Achegas para a História da Educação no Estado de Rondônia**. 2. ed. Porto Velho: Gráfica Palmares, 1993.

MENDES, I. A. **Matemática e investigação em sala de aula: tecendo redes cognitivas na aprendizagem**. São Paulo: Livraria da Física, 2009.

NOSELLA, P.; BUFFA, E. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2013.

PEDROSO, E. R. L. **Da criação ao encerramento do Curso de Magistério em Presidente Médici-RO (1981-2001): uma história da formação de professores para o ensino de matemática nos primeiros anos de escolarização básica**. 2022. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, 2022.

RODRIGHERO, D. F. S. **Nas trilhas da escrita de nós: percursos formativos e profissionais dos monitores de matemática das Escolas Famílias Agrícola de Rondônia: memórias e histórias de vida que se entrelaçam**. 2022. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, *campus* Ji-Paraná, Ji-Paraná, 2022.

SANTOS, A. O.; OLIVEIRA, C. R.; OLIVEIRA, G. S. Material Concreto: uma estratégia pedagógica para trabalhar conceitos matemáticos nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 9, n. 1, 2013. 10.5216/ir.v1i14.24344.

SAVIANI, D. Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. *In*: NASCIMENTO, M. I. M.; SANDANO, W.; LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (org.). **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2021. p. 25-53.